

A T E C N I C A

D O S E R R O S J U D I C I A R I O S

//

O caso Dreyfus

No dia 12 de Julho de 1935, faleceu em Paris o coronel Alfredo Dreyfus, figura nacional francesa que, vítima dum dos mais tremendos erros judiciários que a história regista, foi mais tarde reabilitado aos olhos do seu povo e do mundo inteiro, despertando a causa a mais extraordinária efervescência colectiva das últimas décadas.

Foi, então, enorme a indignação pela injustiça dos homens e particularmente saliente o repúdio popular para com certa elite mancomunada com interesses inconfessáveis que queriam, à viva força, descortinar na alvura duma inocência as trevas alucinantes duma hedionda culpabilidade.

Recordemos sumariamente os factos, fazendo passar pelos olhos do leitor curioso o mau quadro que a nossa insuficiência pode traçar da época, dos homens e dos acontecimentos que rebaixaram Dreyfus à categoria de mártir da Ilha do Diabo para, mais tarde, o elevar até à Legião de Honra, colocada no seu peito pelo presidente Loubet.

Aquêle Outubro de 1894 decorria agitado em França. O país encontrava-se à mercê de contínuas lutas intestinas que atiravam os partidos políticos uns contra os outros, na ânsia de alcançar o poder. No mundo dos negócios a febre mercantilista desvaivava os mais sensatos, cavando profundos abismos na sociedade em ruínas.

Com tal estado de insensibilidade colectiva não admira que as mais ferozes injustiças passassem despercebidas, atenuadas, como estavam, as condições de crítica e de serena análise dos homens e dos acontecimentos.

O mais pequeno movimento sem importância assumia, rapidamente, proporções catastróficas. A mais ligeira mancha alastrava até encharcar toda a dignidade ou dum homem ou duma colectividade.

Eram horas terríveis as que a França vivia, desvirtuadas, momentaneamente, as suas qualidades de nação altaneira que, em horas trágicas da humanidade, soube sempre dar lições de civismo exemplar.

Não admira, portanto, que o

crime cometido contra Dreyfus se tornasse num vulgar caso do dia, incapaz de chamar a atenção daquela gente absorta com os seus negócios, alarmada com as suas derrotas eleitorais ou ufana com as suas fugazes vitórias políticas.

Percorramos esse caminho de ignominias até chegar à Guiana.

O adido militar alemão fora descoberto, pelos serviços secretos do Ministério da Guerra, como figura central duma extensa rede de espionagem, destinada a entregar ao inimigo a organização defensiva da França.

Nomeado um oficial—o tenente-coronel d'Esternhazy—para investigar os factos, incluía este na lista dos culpados do crime de lesa-pátria o nome de Alfredo Dreyfus, apresentando entre outras provas insubsistentes, uma carta escrita por Dreyfus, sem a assinatura deste e com matéria altamente comprometedora.

Como comparsas de toda esta tragédia figuravam ainda: o general Boisdef, de tendências nitidamente reaccionárias e chefe do estado-maior, o coronel Sandhen, inimigo fidalgo dos judeus e chefe do serviço de informações que tinha ao seu serviço o verdadeiro traidor—o coronel Revry, também publicamente reconhecido anti-semitismo.

Ora Dreyfus era—e proclamava—o sempre com orgulho—um israelita convicto...

A perseguição religiosa aliava-se, então, o ódio profissional dos que se enraiveciam com a carreira brilhante do distinto oficial, cujos progressos constantes o colocavam em destaque no meio já bem glorioso do exército do seu país.

Julgado, em sessão secreta, por um Conselho de Guerra, é desterrado para a Guiana.

Praticara-se friamente um tremendo e caviloso erro judiciário.

//

A França, despertara apoplética com a condenação levada a efeito. A's horas de insensatez colectiva seguiam-se momentos de raciocinada compreensão dos altos deveres de Humanidade.

Sheuser-Kestner, Picquart e Mathieu Dreyfus—irmão do mártir—colocavam-se na vanguarda dum nobilíssimo movimento de reabilitação.

Acusado d'Esternhazy de autor do *borderau* suspeito é este entregue a um Conselho de Guerra,

naturalmente propenso à indulgência.

A sua absolvição ocasionou violentas manifestações populares de protesto logo secundadas pelo brado veemente e fogoso dêsse grande espirito que foi Zola (1).

//

Não era inútil, entretanto, êsse acordar repentino da consciência francesa.

O tenente-coronel Henry que fora uma das mais terríveis testemunhas de acusação confessava-se o autor dum documento falso que o ministro Cavaignac apresentara ao Parlamento, em 7 de Julho de 1898, documento que servira para provar a culpabilidade de Dreyfus.

Encerrado no forte de Mont-Valérien, encontraram-no tempos depois a desfalecer, sem forças, lívido, as carótidas cortadas por uma navalha de barba.

Fizera justiça por suas próprias mãos aquele que de compadrio com d'Esternhazy, perpretava a infâmia da condenação de Dreyfus.

D'Esternhazy fizera, também, voar os míssis com um tiro de pistola...

Concedida a revisão, Dreyfus foi submetido a novo julgamento em Rennes, defendido pelas togas rebeldes de Labori e Demange, tendo o primeiro sido agredido a tiro no dia da primeira audiência.

Reacendiam-se as paixões e contra Dreyfus voltavam-se as armas reaccionárias de França.

(1)—Emílio Zola publicou, por êsse facto, o seu conhecido *J'accuse*.

Esse notável documento, repositório da fina sensibilidade do imortal autor do *Germinal*, é demonstrativo de quanto vale a dignidade dum Homem quando ferido pela punhalada infame duma injustiça.

Não fujo à tentação de o arquivar nestas columnas.

Vale a pena relê-lo de vez em quando.

«Eu acuso...»

Acuso o tenente-coronel du Paty de Clam de ter sido o obreiro diabólico—embora inconsciente, acreditado—do erro judiciário, e de, em seguida durante três anos, ter defendido a sua obra nefasta, com maquinações absurdas e condenáveis.

Acuso o general Mercier de se ter tomado cúmplice, pelo menos, por fraqueza de espirito, de uma das maiores iniquidades do século.

Acuso o general Bliot de estar na